

## Mulheres no seringal: trabalho, resistência e cotidiano (Manaus 1940-1950)

Agda Lima Brito  
agdaalencar.lima@gmail.com  
UFF | FAPAME<sup>1</sup>

### Resumo

Procura-se tratar da história do trabalho das mulheres nos seringais<sup>2</sup> do Amazonas, seja dentro das colocações, seja nos barracões<sup>3</sup>, com intuito de mostrar como viviam essas trabalhadoras, que dificuldades enfrentaram e como resistiam criando novas formas de sobrevivência dentro dessas regiões. A produção da farinha, a coleta da castanha, a pesca, o trabalho de roça, as práticas de curas e a assistência que se troca nos seus cotidianos, permitem a estas mulheres tornarem-se menos dependentes do consumo nos barracões e, para além disso, melhorar as suas vivências ultrapassando as dificuldades com que se deparam dentro das matas Amazônicas.

### Abstract

We seek to address the work history of women in the Amazon rubber, into either placements or barracks, in order to show how they lived, the difficulties they faced and how they resisted working with new ways of survival in these regions. Through production of flour, collection of nuts, fisheries, fields of work, healing practices, assistance exchanged in their daily lives, these women seeks to become less dependent on consumption in the barracks and furthermore address their livings, difficulties within the Amazonian forests.

### Enquadramento da pesquisa: História Oral, Gênero e Migração

Por volta 1970, com o crescimento dos movimentos feministas, a história das mulheres no Brasil e as questões de gênero começam a ganhar destaque na pesquisa em ciências sociais e humanas<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Graduada em História na Universidade Federal do Amazonas, Estudante do Mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

<sup>2</sup> Propriedades onde eram exploradas as seringueiras, árvores de onde eram extraídas a goma, podiam estar localizadas as margem dos rios ou em regiões mais afastadas dentro das matas.

<sup>3</sup> Colocações é a designação das casas onde viviam os seringueiros. Lá viviam as mulheres protagonistas desta pesquisa, juntamente com suas famílias. Barracões é o nome dado ao estabelecimento onde o seringueiro trocava borracha, castanha, farinha, entre outros produtos, por ferramentas, remédios, comida; os barracões sempre elevavam os preços das mercadorias a fim de aumentar a dependência dos trabalhadores. O barracão é o lugar administrativo e comercial do seringal onde estão o gerente e/ou dono do seringal – seringalista; por sua vez, o seringalista adquire as suas mercadorias nas Casas Aviadores situadas nas cidades de Manaus ou Belém.

<sup>4</sup> SOIHET, Rachel. “História das Mulheres e História de Gênero - um depoimento.” *Cadernos Pagu* (UNICAMP), Campinas/ São Paulo, v. 11, p. 77-87, 1998.

A história das mulheres no Amazonas começa, ainda que recentemente, a ser foco de pesquisa, observando-se um aumento de pesquisas na região que se dedicam a essa temática, sobretudo no que diz respeito às mulheres nos espaços da cidade de Manaus<sup>5</sup>.

Vale ressaltar que com o avanço da história oral, a historiografia regional tem voltado cada vez mais *os olhos para dentro das matas*. Com este olhar, revela-se também a história das mulheres para as quais a mata desempenha um papel central nas suas vivências. Assim, este é um campo fértil a ser explorado, considerando, nomeadamente, a dimensão da região da Amazônia legal e das famílias que moram naquelas localidades.

Esta pesquisa explora memórias e vivências das mulheres nos seringais – unidade produtiva da borracha, locais onde se extraía o latex das árvores seringueiras. Para desenvolver a pesquisa recorreu-se a fontes orais recolhidas pelo método da entrevista; considera-se que a metodologia da história oral nos permite analisar, neste caso, a experiência das entrevistadas nos seringais, conforme indica Portelli:

“A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos e mais sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre areias inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas (...)”<sup>6</sup>

Importa sublinhar que o interesse pela história das mulheres do seringal começa com o meu contato com as histórias de vida da minha avó Altina Lopes, uma das entrevistadas deste trabalho. As suas narrativas desde muito cedo, e ao longo dos anos, me acompanharam, deixando meus ouvidos aguçados para cada relato que minha avó contava no decorrer de nossa convivência. Aqui reside a motivação essencial para esta pesquisa que integrou, para além dos testemunhos da minha avó, entrevistas a outras mulheres que também trabalharam e passaram parte de suas vidas nos seringais do Amazonas.

“Quando uma pessoa passa a relatar suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e devem ser partilhadas, transformando-as em experiência, para fugirem do esquecimento. No momento em que uma entrevista é realizada, o entrevistado encontra um interlocutor com quem pode trocar impressões sobre a

<sup>5</sup> UGARTE, Maria Luiza (Org.). **Gênero e imprensa na História do Amazonas**. Manaus: EDUA, 2014, p.210.

<sup>6</sup> PORTELLI, Alessandro (I). O que faz a história oral diferente. in Projeto História – Cultura e Representação. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. SP: Educ. Fevereiro/1997, p. 30.

vida que transcorre ao seu redor; é um momento no qual lembranças são ordenadas com o intuito de conferir, com a ajuda da imaginação, ou da saudade, um sentido à vivência do sujeito que narra sua história”.<sup>7</sup>

Através do trabalho no âmbito da memória explora-se, neste caso, a vivência, as memórias e as histórias das mulheres nos seringais, Considerando-se que a memória envolve experiências, emoções e sensibilidades, este trabalho de exploração não poderia ser realizado caso não se recorresse à entrevista. Como aponta Portelli, “os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute”<sup>8</sup>. Escutar e observar a humanidade destas pessoas é algo que tão-somente recorrendo a periódicos, por exemplo, e tendo em conta o tema tratado, não poderia ser resgatado.

Durante a pesquisa de campo que ocorreu na cidade de Manaus, procurou-se mulheres da segunda ou da primeira geração de cearenses e migrantes cearenses. Esta opção prende-se com o facto de, durante a retomada do segundo ciclo da borracha (1939-1945) - no Amazonas uma leva de migrantes nordestinos, em sua maioria cearenses, se tenha dirigido para esta região para trabalhar. O primeiro ciclo da borracha (1879 -1912) muito relevante para o desenvolvimento económico e social do Brasil, teve também com centro no Amazonas e como principais migrantes, os cearenses. Posteriormente, com o fim da Segunda Guerra Mundial, a diminuição na produção da borracha e a queda no valor desse produto, muitos cearenses se terem instalado na cidade de Manaus em busca de novas oportunidades, acabando por formar muitos bairros naquela região<sup>9</sup>.

Apesar de terem sido entrevistadas sete pessoas que trabalharam nos seringais da Amazônia, homens e mulheres, a pesquisa que aqui se apresenta baseia-se em quatro entrevistas a mulheres e uma a um homem que acompanhava o trabalho da sua mãe. Passa-se, de seguida a apresentar brevemente estas mulheres:

---

<sup>7</sup> SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história**. 2005 disponível em <http://www.uel.br/cch/cdph/argtxt/Testemuhotrajetoriasdevidaehistoria.pdf>, p. 3.

<sup>8</sup> PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. **Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza**, 2009. p.2.

<sup>9</sup> Ver BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois**. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977 e LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

Ana Xavier Pinto, aos 94 anos, nascida no Seringal do Japurá, trabalhou na roça, na castanha, na pesca, na farinha e na defumação da borracha.<sup>10</sup>

Francisca Diogo de Jesus, aos 73 anos, nascida no seringal do Anori, de nome Auaçu, trabalhava com sua mãe na roça e na produção de farinha.<sup>11</sup>

Francisca das Chagas Ribeiro, nascida no seringal Hamburgo, no Baixo Solimões, não tem a certeza da sua idade já que apenas em adulta foi registada na Igreja que ficava no seringal do Jutaí, acredita ter 84 anos. Trabalhava entre esses dois seringais, Hamburgo e Jutaí, na defumação da borracha, no corte da borracha, na produção de farinha e na prestação de serviços de roça.<sup>12</sup>

Altina Lopes de Lima, aos 79 anos, migrante cearense, veio com sua família trabalhar para o barracão no seringal do Pauini; trabalhava tratando da caça, pesando borracha, descascando castanha para pesar e em serviços de costura para os seringueiros.<sup>13</sup>

Por fim optou-se por incluir nesta pesquisa a entrevista de Antonio Guimarães, aos 76 anos, nascido no seringal de Bela Rosa, no Purus. Tomou-se a decisão de incluir as narrativas do *seu* António devido a estas estarem muito ligadas aos serviços - tais como trabalho de roça e a produção de farinha - que realizava com sua mãe Hermogênia Guimarães.<sup>14</sup>

### As mulheres nos seringais

O corte da seringueira para a coleta da goma era algo que exigia tempo e esforço, as árvores ficavam afastadas umas das outras; só o trabalho de recolher a seringa poderia durar um dia e uma noite toda. De seguida transformariam o látex em pele da borracha, trabalho realizado nas colocações. Depois teriam ainda que levar a pele de borracha aos

---

<sup>10</sup> PINTO, Ana Xavier. *Ana Xavier Pinto*. Depoimento [15 Novembro 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

<sup>11</sup> JESUS, Francisca Diogo. *Francisca Diogo Jesus*. Depoimento [06 Abril 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

<sup>12</sup> RIBEIRO, Francisca das Chagas. *Francisca das Chagas Ribeiro*. Depoimento [10 Fevereiro 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

<sup>13</sup> LIMA, Altina Lopes Lima. *Altina Lopes Lima*. Depoimento [08 Maio 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

<sup>14</sup> GUIMARÃES, Antonio. *Antonio Guimarães*. Depoimento [06 Abril 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

barracões para realizar a pesagem e adquirir bens básicos, como comida e ferramentas. Assim, o seringueiro, que já chegava aos seringais devendo a passagem e as ferramentas ao patrão, aumentava a sua dívida; as contas não param de crescer ficando o seringueiro, por fim, preso ao seringal<sup>15</sup>.

Se no primeiro momento o seringal era um ambiente masculino, as mulheres modificaram os modos de trabalho nestas localidades que, por sua vez, foram reorganizados com a formação de famílias, surgindo assim, novas formas de sobreviver nas colocações<sup>16</sup>.

Segundo Freitas<sup>17</sup> estas mulheres estavam longe de serem apenas donas de casa e mães de famílias, onde a figura do homem é o único responsável pelo sustento da casa. A autora destaca a questão da resistência da mulher quebrando esse domínio do marido e aprendendo a realizar trabalhos dentro da mata como o corte da seringa, a pesca, a roça, o fabrico de remédios com ervas da floresta, entre muitos outros saberes.

À medida que desenvolveram uma autonomia dentro do seu relacionamento, com as suas famílias, estas mulheres vão experimentando uma liberdade, como por exemplo, na tomada de decisões, estabelecendo canais importantes no ambiente doméstico e de trabalho<sup>18</sup>.

Ellen Woortmann em sua pesquisa trata das mudanças que ocorreram nos seringais com a chegada das mulheres migrantes no seringal por volta de 1940. Os seringalistas - patrões - criavam estratégias de manter os seringueiros – operários, ‘soldados da borracha’ - presos ao modo de trabalho, evitando que eles saíssem das colocações; os seringalistas são os exploradores dos seringueiros. Uma destas estratégias foi permitir a entrada das mulheres no seringal, o que vai ocasionar mudanças na organização e a certo ponto fazendo crescer os níveis de produção nos seringais.

---

<sup>15</sup> Ver LEAL, Davi Avelino. **Entre Barracões, Varadouros e Tapiris: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do rio Madeira (1880-1930)**. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013, p. 207.

<sup>16</sup> WOORTMANN, Ellen F. Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafesa Godoi. (Org.). **Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos**. 1ed. São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998, v. 1, p. 1-50.

<sup>17</sup> FERREIRA, Maria Liége Freitas. Mulheres no Seringal: submissão, resistência, saberes e práticas ( 1940-1945). **VIII Simpósio Internacional Processo Civilizador, História e Educação**. Paraíba, 2004.

<sup>18</sup> Idem, pp. 6-15 a 24.

Altina Lima, retrata sua chegada no rio Pauini, onde veio a mando do irmão que trabalhava no barracão. Esta senhora migrante nordestina saiu do Ceará rumo ao Pauini, neste trajeto esteve em Fortaleza, em Belém e depois seguiu viajando de barco com boa parte da família e mais oito famílias que os acompanharam.

*Olha que nós viemos de lá, de Fortaleza nós passemos uns dois meses esperando o navio, aí viemos em Belém, nós passemos outro bocado de tempo, em Belém eu não me lembro o tanto que nós passemos... aí nós ficamos lá esperando pra vir embora, olha naquele tempo era tão difícil pra gente vir pra cá que nós passamos uns seis meses lá na hospedaria esperando passagem pra poder vir. É por que meu irmão tava lá minha filha, meu irmão morava aqui mandou buscar nós, foi o tempo que o Ceará ficou seco não chovia passou dois anos sem chover, aí assim olha passou dois anos pra você ver como é que é, passou dois anos sem chover...*

Decorrente da seca que assolava o Nordeste, a família de Altina, como muitas outras famílias cearenses, optou por migrar para região do Amazonas; neste período o índice de regressos do Ceará aumentou e muitos imigrantes viram na região do Amazonas uma forma de recomeçar suas vidas, sobretudo na década de 1940<sup>19</sup>, quando as políticas varguistas buscavam atrair mão-de-obra para trabalhar nos seringais, visando a extração da borracha para a exportação para o mercado Norte-americano.

No entanto, esses trabalhadores e trabalhadoras ao se dirigirem para o Amazonas, encontram-se em uma situação não muito diferente da do início do século XX. O trabalho de Frederico Alexandre<sup>20</sup> demonstra que os soldados da borracha migram para a Amazônia respaldados por contratos que, em tese, garantiriam a manutenção do trabalho que seria exercido pelos mesmos; segundo o autor, houve toda uma propaganda em torno desses contratos, porém, ao chegar aos seringais, a realidade era de abandono dentro dos interiores da região.

As mulheres oriundas de outras regiões ou nascidas nos seringais, dentro das colocações, desde muito cedo tinham uma pesada rotina de trabalho. Havia um tempo para cada coisa, para cada colheita, para o corte da seringa. Nesta pesquisa percebe-se que os

---

<sup>19</sup> Ver BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco – antes e além depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. **Nossa gente: Ex - Antes e Ex-Post: O perfil antropogeográfico do “Cearense” Imigrante na Amazônia**, pp. 142-a 389.

<sup>20</sup> LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

modos de trabalho ainda estão ‘vivos’ na memória dessas mulheres, sendo que o seu cotidiano de trabalho se desenrolava em torno da sua sobrevivência nas colocações e nos barracões.

As mulheres que trabalhavam nas colocações e que ao mesmo tempo trabalhavam para os seringalistas - também chamados de patrões e que, por sua vez, eram os donos dos seringais - experimentavam a liberdade criando as suas formas de resistência; segundo Gerson:

“A diferença é que no mundo em que vivem, os personagens dessas histórias ganham forma no silêncio, na solidão e nos seus modos de relacionamento com a floresta. Em sua compreensão de mundo, eles ganham concreticidade porque se articulam com os significados da preservação da existência humana, com suas tradições e valores, significados que fazem parte de seus modos de vida em constante reelaboração.”<sup>21</sup>

A reflexão de Gerson Albuquerque<sup>22</sup> sobre a história de resistência dos trabalhadores do rio Muru e das suas vivências na mata, demonstra uma história de lutas, de solidariedades entre famílias. Estes trabalhadores, no seu território de trabalho, a mata, buscam estratégias de burlar o sistema, desviar a produção e negociar mercadorias longe dos olhos do patrão. Fugas, reivindicações por melhores preços, tudo isso simboliza a resistência nas colocações; através das suas experiências de trabalho, estes trabalhadores rompem com o medo presente e gesticulam formas de reação contra os patrões<sup>23</sup>.

Ana Xavier, durante todo seu relato, manifesta uma insatisfação visível com os patrões; imersa numa rotina constante de trabalho na mata, aponta a todo instante uma revolta com o domínio exercido pelos seringalistas e reporta que através da sua produção burlava o sistema imposto pelo patrão vendendo para o regatão<sup>24</sup>:

*Mas lá era uma miséria de vida, uma pobreza, só o patrão que tinha dinheiro e quem tirasse um quilo de borracha pra vender fora, ele botava pra rua.*

*Vendia, eu, meu cunhado, um irmão meu, irmão não, irmão do meu marido e eu, meu marido, todos os dois cortava seringa, eles fazia um*

<sup>21</sup> [ALBUQUERQUE, G. R.](#) **Trabalhadores do Muru: o rio das cigarras**. 1. ed. Rio Branco - Acre: Editora da Universidade Federal do Acre - EDUFAC, 2005. v. 01, p.60.

<sup>22</sup> Idem, p.177.

<sup>23</sup> Os patrões são os donos dos seringais, designados de seringalistas.

<sup>24</sup> Negociantes fluviais, que vendiam mercadorias aos seringueiros escondido do barracão.

*principiozinho<sup>25</sup>, escondia e ia esperar o regatão, lá na outra praia e vendia, lá ele ia... é que nos podia comprar uma roupa mulher, uma roupa melhorzinha.*

As mulheres do seringal começam a buscar formas de se manterem fora das dependências dos barracões; a borracha, a castanha, a farinha, a roça são exemplos claros de mercadorias que eram vendidas nos regatões e também armazenadas para consumo próprio. A criação de pequenas hortas era também uma forma de subsistência e resistência. Inicialmente as mulheres também trabalham na extração da seringa, mas somente nas seringueiras perto das colocações, por causa dos filhos, e com as ferramentas velhas doadas pelo marido<sup>26</sup>.

Ana Xavier após a morte do pai começa a cortar a seringa nas regiões mais afastadas e continua a vida de seringueira até mesmo depois de casada:

*(...) por que o serviço mais pesado que tinha, era você corta seringa, brincadeira mana eu saía de madrugada, o Anibal (marido de Ana Xavier) saía duas horas da madrugada pra estrada, dava um rodo, quando chegava oito horas do dia chegava em casa, aí almoçava, ficava um pedacinho virava pra trás, chegava em casa quatro horas, quatro e meia, com o leite, ia colher, aí ia defumar, guardava, botava a borrachinha lá, vamos pro lago, vamos mariscar...*

A rotina destas trabalhadoras é responsável pela manutenção de sua família, elas organizam-se de modo a envolver toda família nos afazeres diários, trabalho esse que era necessário, tendo em vista que o seringueiro passa muito tempo fora dedicado ao trabalho com a seringa e a outros serviços. Como são responsáveis pela manutenção de suas famílias, e como referido acima, muitas mulheres cortam seringa perto das colocações.

Essas mulheres eram também responsáveis pelo serviço de defumação como Francisca Ribeiro evidência:

*(...) ele cortava seringa e eu ficava em casa com os meninos, aí quando era de tarde que ele chegava com o leite, ajudava ele defumar, fazia borracha (risos) defumar né, no tapiri<sup>27</sup> né, aí deixava nós defumando eu mais o Jucelino (filho de Francisca) e ele ia atrás de matar um bicho pra nós cume, caçar...  
... aí quando ele chegava nós já tinha acabado de defumar a borracha, aí no outro dia ele saía quatro horas da madrugada pra cortar, ele ia cortando e ia botando aquela tigelinha na árvore né, aí quando acabava de corta tudinho meio*

<sup>25</sup> Principiozinho é principio início de borracha.

<sup>26</sup> WOORTMANN, Ellen F. Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi. (Org.). **Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos**. São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998, v. 1p. 12 -14, 34.

<sup>27</sup> Espécie de prensa ou espremedor de palha trançada usado para escorrer e secar raízes.

*dia ele voltava colhendo já o leite no balde né, aí quando ele chegava, já era de tarde né, uma quatro horas ele chegava com o leite, aí ele, deixava nós defumando eu mais o Jucelino (filho) e ele ia atrás de uma comida, mata uma caça pra nós jantar...*

A defumação tinha implicações, sendo que muitos trabalhadores adoeceram com problemas pulmonares, com malária e sofriam de desnutrição devido à falta de consumo de alimentos frescos. Isto relaciona-se com o facto dos trabalhadores, mesmo morando na mata, somente tinham tempo para o corte da seringa e, por outro lado, os preços do instrumento para caçar ou pescar eram muito altos, fazendo com que consumissem somente produtos dos barracões<sup>28</sup>.

Neste contexto o papel das mulheres é crucial, auxiliando nos serviços das colocações - na defumação, coleta de seringa – elas permitiam que estas famílias tivessem tempo para caçar, para cultivar roça e diminuíssem assim o consumo nos barracões.

Não estamos afirmando que os produtos dos barracões deixaram de ser consumidos por essas famílias, estamos esclarecendo uma nova divisão de trabalho e também as práticas que eram mantidas pelas mulheres que possibilitaram uma nova forma de romper com a dependência do barracão para a aquisição desses produtos e mercadorias, que ao serem compradas aumentavam a dívidas dessas trabalhadoras e trabalhadores com os patrões.

Neste contexto de luta pela independência do barracão e de rudeza de trabalho, a lida na roça, a produção da farinha para troca e consumo foram evidenciados como um trabalho muito pesado, cansativo. Por outro lado, havia uma separação entre o serviço do homem e o serviço da mulher, sendo este apoiado pelo serviço das crianças. Esta realidade pode ser observada no depoimento de Francisca Diogo ao descrever um dos processos de fazer farinha levado a cabo pela sua mãe e com o seu auxílio:

*Era outro serviço, em roça, ela fazia roça, e aí a gente faz o roçado e depois planta maniva... aí chega o tempo ela vai colher né, aí dali que sai a farinha, da maniva, aí ela cria uma batata né, aí daquela batata que sai a farinha, era o serviço dela era esse, o dele era de seringueiro e o dela era em roça...  
Era, da farinha saía a goma, farinha de tapioca, fazia, é (pausa), farinha de tapioca, qualquer coisa que você quisesse fazer, pé de moleque que chama.*

<sup>28</sup> WOORTMANN, Ellen. “Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal”. In: Ana Maria Niemayer; Emília Pietrafeza Godoi. (Org.). **Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos**. São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998, pp.12 – 14.

*Mas a farinha era bem complicada né, você põem uma parte de molho dentro da água, que é pra poder, pra ela amolecer, aí você vai arrancar outra parte e raspa, ceva, no cevado, aí depois você mistura aquela farinha que ta raspada com aquela que ta mole, que amoleceu, aí depois disso a gente coloca dentro de um tipiti<sup>29</sup> que chama tipiti... aí depois coloca pra escorrer a água, depois que escorre aquela água, aí você vai peneirar tudinho, aquela massa, vai peneirar ela, depois que ela ta peneirada... aí você já fez o fogo, em baixo do forno, aí você vai jogando aquela massa, aos poucos assim, vai jogando vai mexendo, vai jogando vai mexendo, com pouco fogo, até ela ficar torradinha... aí depois que lá, ficar torrada já ta pronta, aí já ta boa...*

O depoimento de Antonio Guimarães difere do de Francisca no que diz respeito ao envolvimento da família. No seu caso, toda a família estava envolvida no processo de produzir a farinha em que sua mãe trabalhava:

*Nessas alturas, os adultos era torrar a farinha no fogo, puxar roda, puxar roda era pra cevar, manual né, puxar roda, botar a massa feita na prensa, pra espremer pra secar ela, pra poder peneirar e daí pra torrar. O serviço era isso, aquela mulherada tudinho lá em baixo da casa de farinha um galpão grande e coberto de palha, descasca tudinho, lava e vai dois homens pra roda e um cevando, cevando, aquela massa vai pra prensa, acocha ela um terminado tempo uns minutos, meia hora. Aí ela seca aquela água, aí suspende aquele pau que imprensa ela, aí vai pra peneira peneirar, aí é que vai pro forno pra torrar, isso é o serviço da farinha...*

Dentro de todas essas etapas, percebemos o grau de exigência dos processos envolvidos, sendo de sublinhar que sem a ajuda de toda família e, em alguns casos, sem a ajuda de outras famílias, seria difícil concretizar as tarefas. Nestas tarefas, a participação maior era das mulheres e das crianças, já que o homem passava horas dentro da mata cortando seringa. Quando não era época de cortar a seringa, o homem auxiliava noutros serviços, procurando fabricar farinha para consumo próprio ou para trocar nos regatões, evitando assim recorrer ao barracão. Como afirma Ana Xavier: “Podia plantar mandioca, nós fizemos uma casinha de farinha, aí nos plantava mandioca, fazia farinha, ninguém comprava farinha... era cara que só o diacho”.

O processo da castanha também demandava tempo e disposição, como testemunha Francisca Jesus:

*Ela (mãe), ele (pai) trabalhou também, a castanha é o mesmo que a seringa, você sai de manhã, aí vai colhendo a castanha, vai colhendo, leva um paneiro<sup>30</sup>, pegando a castanha vai botando na costa assim, dentro do paneiro né, aí enche o paneiro e vem despeja no lugar. Aí quando ele termina de colher aquela*

<sup>29</sup> Espécie de prensa ou espremedor de palha trançada usado para escorrer e secar raízes.

<sup>30</sup> Pequeno cesto de vime com duas asas.

*castanha, debaixo da castanheira, aí ele vai quebrar, corta tudinho, com terçado... vai cortando e vai colocando no paneiro, vai cortando, quando enche o paneiro é, aí ele vai lavar a castanha, lava tudinho. Aí sai aquela castanha aquela castanha que não presta né, aí fica só as boas. Aí ele vende, aí vai vender em caixa, eles trazem na canoa né, aí chega lá eles vende assim, em caixa...*

Em sua maioria, a colheita da castanha era um serviço realizado por mulheres. Neste caso quem faz a colheita da castanha é o pai e a mãe da entrevistada. No entanto, deve-se salientar que no momento em que se dedicavam à castanha, a seringa não era cortada. Assim, fora do período de colher o leite da seringueira, faziam serviços de retirar a castanha. Como expõe dona Francisca Diogo, “castanha não dava todo tempo, tinha um tempo pra tudo”<sup>31</sup>.

Essas castanhas além de serem usadas para o consumo, também eram trocadas por outras mercadorias nos barracões. Altina, trabalhadora do barracão, salienta o trabalho que realizava quando recebia mercadorias como a castanha, a caça e a borracha:

*(...) aí eu ia pro barracão passava a noite todinha que Deus dava, das seis da manhã às seis da noite, às seis da noite ia medindo castanha no batelão<sup>32</sup>, por que lá tudo tinha que chegar e receber e contar quantas latas, medir, pra poder pagar o freguês<sup>33</sup>, né.*

*O freguês cortava seringa, fazia tudo, às vezes minha filha tinha o barracão lá, tinha o barracão em cima e em baixo tinha o flutuante, aquilo flutuante era de botar as coisas quando chegavam em cima (...) a gente tinha dia que eu passava a noite todinha nesse flutuante, recebendo castanha, pesando borracha, era eu e o Benjamin, nós sofremos muito nós dois.*

Vale ressaltar que Altina, em virtude da prisão de seu irmão, acabou por assumir todo o serviço pesado do barracão, juntamente com seu irmão mais novo Benjamin. O relato de Altina revela que o serviço dentro dos barracões também era cansativo, além disso, sublinhe-se que esta não tinha contato com dinheiro, este ficava com o patrão, dono do seringal; algumas vezes Altina retrata que sofreu enfrentamento por parte dos fregueses.

*(...) aí tinha freguês que chegava lá queria que nós vendesse mercadoria pra eles sem a gente ter ordem de vender. Uma vez o cara chegou eu peguei um pedaço de pau eu disse pra ele ‘olha se é homem se você subir aqui no barracão’, ele disse que ia entrar e ia tirar as coisas de dentro do barracão.*

*Eles iam querer que gente pagasse o dinheiro pra ele ou pagasse em mercadoria e nós não ia fazer isso, nós não tinha ordem pra fazer isso. Não era que a gente não queria fazer, a gente não tinha era capacidade de fazer botar aquilo na mão dele sem ter uma.*

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Embarcação de madeira, empregadas para transporte de cargas.

<sup>33</sup> Freguês, nome dado aos seringueiros.

A exploração também tinha lugar dentro do barracão, de acordo com Ana Xavier. Os seus pais eram cearenses, o seu pai trabalhou nos barracões com os livros de contas de saída e entrada de mercadoria, ficou cego, acabou morrendo e ela e sua família não receberam nenhuma assistência por parte dos patrões. Ana Xavier e seus irmãos tiveram então que cortar seringa para sobreviver nas colocações.

Os modos de sobrevivência são retirados do meio onde vivem; são as relações com a mata e os saberes adquiridos que possibilitam a estas mulheres trabalhadoras construir novas formas de resistir ao patrão, a entender o tempo para a realização de cada trabalho, a observar quando vai nascer fruta, quando é bom para caçar. Estes são ensinamentos que vão sendo passados por gerações através da oralidade <sup>34</sup>.

A lida na roça era referente, principalmente o cultivo da farinha, mas também passaram a ser cultivados nesse período o milho, o feijão e o tabaco.

No entanto, na narrativa dessas pessoas, está muito presente o processo de plantio e colheita da mandioca, justamente por este ser um trabalho não diferente dos demais, mas que necessita da cooperação, principalmente das mulheres que preparam o solo para o plantio e cuidam do roçado.

A farinha é uma das muitas formas de obtenção de recursos que estas famílias buscam como alternativa à compra no barracão. À medida que ocorriam constantes oscilações no preço da borracha, os produtos do barracão iam ficando cada vez mais caros:

*Se era caro, tudo era uma carestia doída mana, se levasse qualquer outra coisa, fora da borracha se comprar, se comprar era pela hora da morte... agora o que eles queriam vender era caro, ali era caro, não era brincadeira não, agora a borracha na mão deles dava dinheiro, eles comprava borracha da gente um pouco mais nada, aí vendia para aquela turma, para aqueles ricos... (Ana Xavier)*

No entanto, as famílias no seringal sempre procuraram burlar o sistema, as mulheres foram as principais responsáveis por esconder essas mercadorias, para que pudessem ser vendidas.

Estas famílias sofriam, evidentemente, pressões por parte do patrão, em uma lógica de exploração. Os trabalhadores e trabalhadoras não conseguiam ter os bens básicos

---

<sup>34</sup> ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues. **Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras**. Rio Branco: EDUFAC, 2005, pp. 38-39.

para a sobrevivência de sua família. Ou seja, as mulheres que cuidavam das colocações encobriam a venda de produtos por fora, faziam roça, cuidavam das crianças, cortavam seringa. A rotina de trabalho era exaustiva e necessária, estando a mulher sobre constante preocupação com o patrão que poderia, se a pegasse vendendo borracha para o regatão – o que é, expulsá-la e confiscar toda a produção daquela família, para além de outras práticas violentas.

Foi através do trabalho coletivo, possível devido ao auxílio dessas mulheres, que a rotina, o cotidiano, o trabalho dentro da mata e das colocações, se tornou mais ameno, que foram surgindo formas de resistência, sobrevivência naquele espaço de trabalho.

### Cotidiano, lazer e resistência

Outros constrangimentos que muitas mulheres enfrentaram no seringal dizem respeito à gravidez e parto. Encontramos registros de que ou o marido ajudava no nascimento da criança, ou estas tinham os seus filhos sozinhas dentro das colocações. Havia parteiras, mas não em todas as localidades do seringal e, devido às condições em que o parto ocorria, muitas mulheres morreram no parto.<sup>35</sup>

*(...) eu nasci nesse tempo, quando dia de sábado ia tudo pra mata. Ia dormi na mata, na casa daqueles vizinhos mais longe, com medo deles, aí a mamãe tava grávida de mim, até que um dia ela saiu, chegou na casa de um preto que tinha lá, que era lá, lá. Eu nasci lá, na casa do nego velho (risos)... (Ana Xavier)  
Em casa, nesse tempo não tinha esse negócio de doutor não minha filha, era mocinha, paria era sozinha, não tinha doutor não. (Francisca Ribeiro)*

Segundo Benedita Celeste as mulheres terapêuticas, para exercerem seu ofício, criam uma relação de afetividade com os doentes e com as grávidas sendo estas acompanhadas desde muito cedo, do início da gravidez; a parteira visitava constantemente estas mulheres.

---

<sup>35</sup> WOORTMANN, Ellen. Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi. (Org.). **Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos**. São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998.

Para estas comunidades onde a medicina oficial não chega, nas regiões mais afastadas, as rezadeiras, parteiras e curandeiras, desempenham o papel de solidariedade e afetividade com os membros das comunidades<sup>36</sup>.

“As práticas e saberes destas mulheres vão-se consolidando ao longo dos anos no meio de uma clientela que confia no poder de suas palavras, de suas ervas, de suas orações e de suas mãos; daí não por que são historicamente rotuladas pela medicina oficial como “curiosas”, “práticas”, “comadres”, “leigas”. Por outro lado, através dos dons que dizem possuir, tornam – se confiáveis, dignas de curas e “milagres” no meio em que atuam.”<sup>37</sup>

Carlos Alberto de Souza, no livro *Aquirianas*<sup>38</sup>, destaca as mulheres que vivem e trabalham nas florestas do Acre e que desempenham o papel de parteiras e curandeiras, mulheres que recorrem à medicina popular para produção de remédios e práticas, aproveitando a sua relação direta com a natureza:

“O conhecimento sobre a mata, adquirido no cotidiano, no trabalho, nos passeios, no plantio dos roçados com outras mulheres, fez com que as seringueiras aprendessem uma prática medicinal que pudesse curar suas doenças, as dos filhos e as dos maridos, realizando partos, levadas pelas necessidades.”<sup>39</sup>

Pesquisas como as de Carlos Souza demonstram uma realidade comum dentro da região do Amazonas, que se associa ao facto das colocações se situarem em áreas afastadas umas das outras. O trabalho destas mulheres terapêuticas que trabalharam nos seringais funcionava como uma alternativa para aquelas famílias que não tinham condições para adquirir remédios nos barracões.

“O fato é que estas mulheres estavam presentes na mata, e sendo aceitas ou não, a necessidade de sobreviver neste espaço levou-as a realizarem inúmeras tarefas e funções. Benzedeiras, rezadeiras, parteiras, curandeiras e até feiticeiras foram algumas das profissões adotadas por elas.”<sup>40</sup>

No entanto, por se tratar de práticas herdadas, aprendidas, é evidente que em muitas regiões do interior estas mulheres não eram encontradas com tanta facilidade. Por outro lado esta prática envolve tempo e disponibilidade; é uma prática que envolve e cria

---

<sup>36</sup> PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. (CIP) UFPA, Belém: Açaí, 2010, pp. 51 – 106.

<sup>37</sup> Idem, p. 106.

<sup>38</sup> SOUZA, Carlos Alberto Alves. **Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre**. Rio Branco: Instituto de Pesquisa, Ensino e de Estudos das Culturas Amazônicas, 2010.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 117.

<sup>40</sup> LAGE, M. M. L. **Mulheres e Seringal: um olhar sobre as mulheres do Amazonas - 1880 – 1920**. Dissertação (Mestrado em História). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2013.

laços, as parteiras estabelecem uma relação com a comunidade sendo necessário uma vivência comum para que tudo corra bem. Com a pressão contínua dos agentes da saúde sobre as mulheres que exercem esse ofício, estas se sentem intimidadas, no entanto estas não conseguem, nem podem, impedir que estes saberes sejam passados e aplicados, principalmente nas regiões mais afastadas onde não existem hospitais e nem médicos.

Como esclarece Bendita estas mulheres são ainda hoje responsáveis por 15% dos partos realizados fora de hospitais, principalmente nas regiões Norte e Nordeste<sup>41</sup>, onde existem condicionantes para chegar até a essas populações interioranas.

No caso destas parteiras/curandeiras, existe uma solidariedade para com as pessoas das comunidades, dentro dos seringais; elas vão criando as suas teias de relações com outras mulheres para se ajudarem e ultrapassarem a realidade adversa em que viviam.

O encontro para a organização de festas, a lavagem de roupa no igarapé, eram oportunidades que surgiam para que essas mulheres pudessem expor os seus problemas, trocar receitas, aprender rezas para serem utilizadas nas crianças, aprender até métodos de não engravidar ou praticar abortos. Como mostra a autora Liege Ferreira disserta sobre as várias formas de resistência que a mulher vai buscando para se proteger, “passando assim de empregada do seringueiro para mulher do seringueiro.”<sup>42</sup>

As relações das famílias, ainda que sujeitas a imensas dificuldades, iam além do trabalho. No depoimento de Ana Xavier, cheia de alegria ao lembrar-se daquelas festas animadas no meio da à mata, com sanfoneiros e todos dançando descalços, sem se importar com a aparência ou com a falta dos sapatos, tão caros naquelas localidades.

Esta narrativa carregada de nostalgia nos demonstra bem como as relações que se foram estabelecendo nesses ambientes foram vitais para a sobrevivência dessas pessoas não só no trabalho, mas na troca de experiências, de receitas ou em uma simples conversa, sabiam que tinham uma solidariedade umas com as outras<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. (CIP) UFPA, Belém: Açaí, 2010, pp.124,136.

<sup>42</sup> FERREIRA, Maria Liége Freitas. **Mulheres no Seringal: submissão, resistência, saberes e práticas (1940-1945)**. VIII Simpósio Internacional Processo Civilizador, História e Educação. Paraíba, 2004.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 6.

*Tinha festa aí no Capori, mais não era essas festas não, que tem hoje...  
...Gargalhadas... me lembro, quando eu já fiquei grande né que tinha, Natal, São  
Cristovão, tinha um nome que festejava né.*

*Era, afastado, a gente ia em canoa, lá pras festas, a gente ia em canoa, era  
assim, era muito, difícil ir pra lá naqueles tempos, no meu tempo, era muito  
difícil.*

Francisca das Chagas, assim como Ana Xavier, demonstram saudades daqueles momentos de festas nas comunidades. Francisca das Chagas, mesmo sujeita à distância, estava presente nessas comemorações que eram uma das poucas formas de lazer e libertação da rudeza do seu cotidiano de trabalho.

A memória destes trabalhadores, destas famílias e, sobretudo, destas mulheres, mostram um universo de trabalho, de exploração, de resistência e também de lazer. Trata-se de mulheres que se tornaram responsáveis, em boa parte, pela garantia da sobrevivência da família, trabalhando nas roças, fazendo farinha, etc. Algumas mulheres relatam que perderam os seus maridos e criaram seus filhos trabalhando dentro das matas, quer cortando seringa, quer no plantio, como é o caso da mãe de Antonio que, após a morte do marido, mantém família fazendo serviço de roça.

“A memória dimensiona a esfera da construção do vivido, do histórico e do cultural. Assim, relembrar o passado não significa apenas, recordação valorizada e fragmentada, mas a busca pelo conhecimento histórico e cultural de um grupo, em que a memória também constrói a cidadania. Diferentes experiências em um lugar constroem espacialidades com redes de significados visíveis, imaginárias, hábitos de alimentação, espaços de trabalho, de lazer, de crenças.”<sup>44</sup>

Estes breves depoimentos, por partes destas senhoras, sobre as festas e sobre o nascimento, mesmo sendo curtos, mostraram-se carregados de alegrias; estas mulheres que naquele período, trabalhando sobre domínio de patrões que tentam controlar de todas as formas as famílias, lembram, ainda assim, com um sorriso no rosto, os momentos em que escondiam borracha para vender ao regatão, os momentos festivos, o trabalho nas roças, a colheita da seringa, os trabalhos nos barracões; evocam emotivamente toda a experiência construída dentro das matas, nas colocações, nos seringais do Amazonas.

---

<sup>44</sup> ASSUNÇÃO, S.T.; SILVA, J. C.; [ALMEIDA SILVA, ADNILSON DE](#); [ALMEIDA SILVA, ADNILSON DE](#). Lembranças do lugar: o ser seringueiro em Extrema/RO. **Igarapé - Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade**, v. 1, p. 7.

**Nota final**

Com a retomada em maior escala da extração do látex a partir do meado do século XX, o segundo ciclo da borracha, vão ser organizados meios de atrair trabalhadores para o Amazonas. Como referido, muitos trabalhadores dirigiram-se para o Amazonas em busca de oportunidade nos seringais, muitos alistados como *soldados da borracha*.

A busca por essa mão-de-obra relaciona-se com dois fatores: em primeiro lugar, a política varguista de ocupação dos “vazios demográficos” do território nacional, conhecida como Marcha para o Oeste, e em segundo lugar, o Brasil tinha entrado na Segunda Guerra Mundial, sendo necessário colaborar para o esforço de guerra dos Aliados.

No entanto, o foco deste trabalho são as trabalhadoras, as mulheres que passaram por imensas dificuldades e que acabaram, tanto as que ficaram nos interiores do Amazonas, como as que vieram para cidade Manaus, por não terem os seus direitos reconhecidos. Francisca Ribeiro traduz bem a falta de reconhecimento e exploração do trabalho destas mulheres: “minha filha, por que eles conseguiram se aposentar como soldados da borracha e eu não, eu trabalhei também?”.

Através das entrevistas e da consideração das fontes orais como uma forma de história oral, foi possível demonstrar o universo de trabalho e cotidiano dessas mulheres, dessas trabalhadoras que ficaram invisibilizadas dentro das colocações e dos barracões durante anos. Recentemente que as pesquisas tem demonstrado interesse pela história destas mulheres, trabalhadoras das matas Amazônicas coletar fontes sobre a história destas trabalhadoras tem sido um trabalho difícil, não tornando, no entanto, a pesquisa impossível, muito pelo contrário, aprofundar estas pesquisas, estes quotidianos e vivências, torna-se quase uma obrigação.